

COTIDIANO ESCOLAR: uma introdução aos estudos do cotidiano em contribuição ao conhecimento da realidade da escola

Andréa Tereza Brito Ferreira¹

RESUMO: Este trabalho faz um percurso pela sociologia do cotidiano no sentido de analisar os elementos que estão incluídos nesta vertente sociológica e que poderão contribuir para a construção do conhecimento sobre a escola. Neste processo, discutiremos os estudos que influenciaram o desenvolvimento deste aporte teórico nas Ciências Sociais, bem como, a divisão dessa vertente sociológica em cotidiano e vida cotidiana a partir das bases fenomenológicas, marxistas e pós-modernas. Por fim, analisaremos a influência dessa abordagem em alguns estudos existentes na área de educação, indicando como o despontar de um novo caminho para o conhecimento da realidade escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia do cotidiano; vida cotidiana; educação.

*Todo dia ela faz tudo sempre igual
me sacode às três horas da manhã (...)
e sorri um sorriso pontual...*

Introdução

A vida ordinária, de todos os dias de pessoas comuns, é normalmente pensada como repleta de atos corriqueiros e sem importância, senão para aqueles que a estão vivendo. O interesse pela vida cotidiana, como fonte de trabalho, ocorre com mais frequência por parte daqueles que estão imersos no mundo da arte, da literatura, da música.

¹ Pesquisadora da Universidade Federal de Pernambuco/ Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco/ Pesquisadora visitante do INRP-Paris (2001/2002).

Músicos como Chico Buarque e escritores como Balzac, Flaubert, Machado de Assis, Eça de Queiroz, dentre outros, se inspiraram na vida cotidiana de pessoas comuns para escrever seus grandes clássicos da literatura mundial. Considerados, muitas vezes, verdadeiros escultores do cotidiano, esses romancistas trazem à tona, através dos seus escritos, cenas vividas por inúmeras pessoas que se identificam e se misturam com a imaginação desses artistas. Eça de Queiroz, por exemplo, é um desses autores que nos seus romances demonstra uma grande preocupação com o dia a dia das pessoas comuns. Porém, esse cotidiano é apresentado conjuntamente com a realidade sócio, econômica e política da sociedade portuguesa da época. Na sua obra *O Primo Basílio*, por exemplo, o autor vai mostrar, através de seus personagens o Primo e Luíza, como os valores sociais e a moral estão fortemente influenciando a vida cotidiana das pessoas a todo o momento. Através da relação romanceada dos personagens, o autor descreve o processo de crise que a sociedade portuguesa vivia após seu insucesso na tentativa de domínio político e econômico do novo mundo, favorecendo, desse modo, ao leitor dos seus escritos, reflexões sobre as questões sociais mais amplas, como também, sobre as microrrelações dos personagens frente às emoções de um amor difícil em meio às transformações de uma sociedade.

Porém a questão mais importante nesse trabalho é saber: qual a importância do cotidiano na análise da realidade social? Será que podemos considerar que detalhes da vida privada ou pública podem ser relevantes para a compreensão da sociedade mais ampla? Qual a relação entre o cotidiano e as estruturas da sociedade? Na literatura podemos perceber, como no romance citado acima, que as estruturas sociais, de uma forma ou de outra, estão relacionadas com a vida cotidiana das pessoas, mas, na filosofia e na sociologia como é considerada essa relação sob o ponto de vista teórico e epistemológico da pesquisa científica?

Podemos identificar, tanto na filosofia, quanto na sociologia, alguns trabalhos que privilegiaram o cotidiano nas suas análises sociais. Tentaremos, nesse ensaio, discutir, de maneira introdutória, algumas dessas abordagens que, de certa

forma, tratam da vida cotidiana e associar algumas delas ao estudo da Escola, nosso objetivo principal neste trabalho.

Apesar de muitos filósofos considerarem a vida cotidiana como inferior (Lefebvre, 1991), pode-se dizer que o cotidiano foi irrompido pelos filósofos diversas vezes. Sócrates, por exemplo, ao iniciar um diálogo filosófico com um camponês só falava de coisas corriqueiras, de coisas que faziam parte do dia-a-dia do seu universo para que, a partir do senso comum, ele pudesse chegar a outros novos conhecimentos, sobretudo o conhecimento filosófico. Sócrates acreditava, dessa forma, que para se conseguir chegar ao parto da idéias, a maiêutica, era necessário, portanto, partir da vida cotidiana das pessoas comuns.

Kant também foi um filósofo que despertou o interesse pela vida cotidiana. Ele defendia a idéia de que a teoria filosófica deveria considerar mais o que ocorre na prática do dia a dia. Nos seus escritos filosóficos, Kant sinalizou que ao homem prático falta um interesse pela teoria e que, de certo modo, a teoria ainda se acha pouco desenvolvida na prática. A interpretação que Certeau (1990) faz dessa idéia de Kant é que ele considera que as práticas cotidianas são tão importantes quanto à teoria, fazendo uma analogia dessa relação com o malabarismo de andar no arame. Ou melhor, ao fato de andar no arame significar, justamente, o senso de equilíbrio entre a arte de pensar e a arte de fazer, do qual tanto dependem as práticas ordinárias quanto à teoria.

O cotidiano pode ser identificado nos estudos filosóficos desde muito tempo, embora, muitas vezes, não se tenha dado muita importância a ele. A relação entre a filosofia e o cotidiano, de acordo com Lefebvre (1958) e Certeau (1990), talvez não tenha sido muito próxima ou assumida, porém, se *garimpamos* em muitas obras filosóficas, de uma maneira ou de outra, o dia-a-dia esteve quase sempre presente. Porém, foi no campo sociológico que o cotidiano passou a ser assumidamente mais “requisitado” ou “visitado”.

Os estudos sociológicos do cotidiano

No campo da sociologia, se analisarmos de maneira polarizada, o cotidiano se coloca do lado da sociologia subjetiva,

na qual se situam as análises micro estruturais, compreensivas e fenomenológicas, opondo-se a visão objetiva da sociologia tradicional, totalizante, sistêmica ou macroestrutural.

Estudar o cotidiano, pelo viés da sociologia, pressupõe o conhecimento das relações sociais em seus ambientes e na forma em que realmente elas acontecem. Diferentemente do conceito de fato social, estudado por Durkheim, através do qual os fenômenos sociais são tratados de forma organizada e mensurados. Pode-se dizer que o estudo do cotidiano se estabelece, justamente, no conhecimento da “desorganização dos fatos sociais” (Maffesoli, 1988). É, portanto, considerar o que aparentemente não tem importância, o que Pareto e Maffesoli (op.cit.) denominaram de “resíduos” nos estudos da sociedade, o qual as análises macro estruturais não conseguem alcançar. De acordo com Balandier (1983), o campo da sociologia do cotidiano possibilita compreender, além das interações sociais, os dispositivos que regulam a vida cotidiana. Faz reaparecer o sujeito face às estruturas sociais, valorizando o efêmero, o contingente, o fragmento, o relativo e o múltiplo. Desse modo, nos estudos do cotidiano, o que parecia não ter importância, é resgatado e assume um lugar central nas análises acerca da sociedade.

Tratar do cotidiano como campo de análise é, sobretudo, entrar em um debate ainda muito pouco definido e com limites muito tênues. Algumas correntes que trabalham com o cotidiano ou vida cotidiana, seguem por rumos diferentes, o que nos leva a perceber apenas alguns pontos de partida. A tese marxista, por exemplo, de que o conhecimento deve partir dos homens e da sua vida real, contribuiu para o desenvolvimento de um campo de abordagem, que de certa forma, nos leva a muitos caminhos que vão ao encontro dos estudos do cotidiano principalmente os propostos por Heller, Lefebvre e Certeau que, em seus trabalhos, elegeram a análise da vida cotidiana como objeto de estudo. Além dessas abordagens inspiradas no marxismo, existem outras que não se denominam propriamente de estudos do cotidiano, mas que, de uma forma ou de outra, o privilegia, seja pela ótica do *mundo da vida* a partir de Schutz, seja pelo viés pós-moderno de Maffesoli.

Muitos teóricos da área da sociologia e da antropologia, principalmente após a segunda guerra, desenvolveram estudos que, de certa maneira, envolveram os aspectos comuns da sociedade, presentes nas relações e inter-relações sociais. Alguns destes trabalhos que muito embora não tenham compartilhado a mesma raiz epistemológica, voltaram as suas análises para os processos internos da compreensão e significação do comportamento e das ações sociais delimitadas pela vida cotidiana.

Durkheim talvez tenha sido a fonte principal de inspiração do campo sociológico do cotidiano e das representações sociais. Pode parecer um pouco estranha tal dedução, sobretudo, pelo fato dele ter uma preocupação inversa ao que se propõem os estudos do cotidiano. Porém, é nessa inversibilidade que, justamente, os acontecimentos comuns do cotidiano aparecem em suas obras. Durkheim buscava em seus estudos entender os processos macro estruturais da sociedade para deduzir, a partir daí, as relações cotidianas. O que ele busca nessa relação é a frequência dos acontecimentos sociais para que sejam determinadas, a partir daí, as *leis empíricas e universais*. Os fatos sociais, desta feita, são percebidos por ele como coisas e com grande poder de coercitividade. Descartando, desse modo, qualquer alusão que por ventura possa ser feita com relação às questões individuais ou subjetivas do ponto de vista psicológico ou das interações sociais.

Simmel também, em certa medida, aproximou-se do campo da sociologia do cotidiano analisando as “formas” sociais a partir do primado da interação. Para ele, conforme Boudon (1993), “uma análise sociológica deve remontar às ações e reações dos indivíduos na situação em que se encontram”. Simmel acredita que não é possível conhecer a realidade social sobre uma base de oposição entre indivíduo e sociedade. A sociedade, segundo o autor, é o resultado de uma formalização social, na qual as regras e obrigações, que nela estão contidas, são entendidas como meios e não como fins, o que permite a compreensão de que os indivíduos participam do processo de construção da realidade social. A realidade social para Simmel é constituída por processos interativos que são processos de

socialização. Esses processos abrem sempre novas vias em direção à sociabilidade. Essas vias são múltiplas e são produtos das ações dos indivíduos que as percorrem buscando constantemente novos espaços no sentido de afirmação de sua personalidade e de constituição de novos grupos (Mongardini, 1995). Os processos de sociabilidade, apresentados por Simmel, põem em evidência situações que ocorrem no dia a dia de pessoas comuns, através das quais pode-se visualizar relações do cotidiano.

Um conjunto de trabalhos que, de certo modo, considerou o cotidiano como elemento de análise da sociedade histórica foi o de Nobeit Elias. Os processos e as configurações que a socialização produz na realidade social são os interesses principais deste autor. Para Elias (1984-1995), a sociedade não é possível senão como conjunto de configurações e de combinações de elementos que, longe de serem harmoniosos e coerentes, representam o resultado de um processo de objetivação da vida coletiva e de civilização. O cotidiano, através das construções dos costumes e ações, reflete de maneira exata a estrutura do quadro que engloba do conjunto de indivíduos que o habitam. Desta maneira, a estrutura da vida cotidiana torna-se parte integrante de tal ou qual camada social, na medida em que esta camada não seja vista de maneira isolada das estruturas de poder da sociedade global. Nesta perspectiva, Elias defende a indissociabilidade entre vida cotidiana e as mudanças estruturais da sociedade, a divisão do trabalho e os processos que envolvem as orientações estatais.

Dentro dessa abordagem, o indivíduo tem a sua vida intimamente relacionada com as estruturas sociais. De acordo com as idéias de Elias (1995), as mudanças de personalidade podem ser correlatas com as mudanças da estrutura social sob seus diversos aspectos, como por exemplo, a crescente diferenciação social, o aumento dos canais de interdependência, a centralização, os controles sociais etc. Entretanto, de acordo com Juan (1996), esta perspectiva pode favorecer uma visão, de certo modo, sistêmica de sociedade, principalmente quando o autor conclui que as condutas da vida cotidiana são produtos de convenções sociais ou de normas culturais. Analisar a vida

cotidiana a partir dessa “organicidade” e indissociabilidade, pode limitar a perspectiva de criatividade e construção social e favorecer o entendimento das relações cotidianas apenas como reprodutoras das estruturas sociais globais e de poder.

A Escola de Chicago, principalmente através dos estudos acerca do Interacionismo Simbólico, também direcionou sua atenção para as relações desenvolvidas entre sujeitos sociais em determinados ambientes. Tendo como enfoque os processos de interação, isto é, ação social caracterizada por uma orientação imediatamente recíproca. O exame desses processos se baseia num conceito específico de interação que privilegia o caráter simbólico da ação social (Joas,1999). Embora haja divergências quanto à influência dos estudos de Simmel na Escola de Chicago, podemos dizer que existe uma certa ligação, principalmente, entre os trabalhos de Mead e Simmel, com relação à valorização dos processos de interação social como formas de organização da sociedade. De acordo com Joas (1999:144) “Havia, em especial, afinidades entre membros da escola e Simmel, na medida em que Simmel buscava um conceito de sociedade que nem reduzisse a sociedade a mero agregado de indivíduos nem a reificasse numa entidade completamente transcendente em relação aos indivíduos”.

Entretanto, foi Goffman, outro membro do grupo de estudos do interacionismo simbólico da Escola de Chicago, quem mais se popularizou no meio acadêmico e dirigiu os seus estudos, mais especificamente, para a área da sociologia. A grande preocupação de Goffman residia no fato de entender o que representa a relação face a face dos indivíduos numa interação, ou melhor, perceber como as pessoas em determinadas situações de interação desenvolvem seus “papéis” que, aparentemente, lhes são pré-determinados. As situações de interação, segundo o autor, constituem unidades delimitadas num tempo e numa rede de relações de poder e de formas sociais institucionalizadas que transcendem a contingência das situações interacionais. Os desejos individuais de manipular a apresentação do “eu” em relação aos papéis socialmente estruturados são analisados por Goffman, principalmente em *A Representação do eu na vida cotidiana*, quando utiliza a noção de máscaras, interação, rotina e

controle do eu. É a partir desses conceitos que o autor aponta para uma proximidade entre a vida social e a dramaturgia, e mostra sua excessiva preocupação com a relação entre os atores sociais, minimizando, desta forma, a dinâmica das instituições e das estruturas sociais na realidade social.

De acordo com Gouldner (1970), o modelo dramático de Goffman nos deixa a impressão que falta uma interpretação mais geral da motivação das rotinas da vida cotidiana, pois se os indivíduos são apenas atores num palco, escondendo-se em seus papéis, em seus “eus” atrás da interpretação que adotam para a ocasião, o mundo social (enquanto palco/cenário maior) estaria, em grande parte, vazio em substância. Parece-nos que, de certo modo, para Goffman, a realidade social é formada por diversas microexperiências as quais compõem o nível macrosociológico deixando de lado, de certo modo, questões importantes a serem consideradas em grandes escalas como a organização dos sistemas sociais, mudança social e a história.

Embora Goffman tenha sido muito criticado pela excessiva posição em favor das questões microsociológicas para compreensão da realidade social, é certo considerar que ele é de grande contribuição para as ciências sociais, sobretudo, no sentido das análises institucionais e interacionais.

Outro teórico do campo da sociologia que trata especificamente da questão do cotidiano é Michel Maffesoli. Muitos o enquadram dentro do que se pode chamar de autores pós-modernos, justamente, por dinamizar um aparato teórico buscando se desvincular, contrapor-se e transformar os processos e métodos tradicionais da compreensão da realidade social. As análises de Maffesoli (1985:208) têm como objetivo “esboçar uma teoria do conhecimento apta a admitir que a falta de acabamento estrutural da sociedade fica a exigir uma falta de acabamento intelectual”. Quando o autor expõe sua abordagem em torno da questão das *intencionalidades* que norteiam a vida cotidiana, pode-se perceber, nos seus escritos, influências do campo da sociologia compreensiva, principalmente de Simmel e Weber. Além da sócio-antropologia do imaginário de Durand, das noções de formas coletivas e solidariedade de Durkheim, da

tipicalidade de Schutz, de resíduo de Pareto, entre outros. Embora admita tais influências, ele é claro em considerar que as teorias servem apenas para suscitar outras teorias e que, com o tempo, elas tendem a caducar. O que se torna primordial nas análises sociais, segundo o autor, são as situações, a realidade, o presente e não a teoria.

Maffesoli considera o cotidiano como lugar por excelência para a análise do social porque é nele que se constitui a sociabilidade. O conhecimento do coletivo, para ele, é primordial para a compreensão da realidade pois é nele que se constitui a “teia de significações insignificantes, efêmeras e polissêmicas que constrói a força e a permanência da vida cotidiana” (1985: 209). De acordo com autor, para conhecer a realidade social torna-se necessário superar, em todos os sentidos, o racional e lançar mão do nosso conhecimento comum, da intuição, do presente e da participação. Ato que exige novos procedimentos de investigação que conviva com a pluralidade de abordagens, sejam de que ordem for para elaboração de uma descrição de um momento ou de um dado espaço que seja o menos enganoso possível. Para conhecer a realidade social Maffesoli (1985:209) considera, portanto, que o *Patchwork reflexivo* é uma maneira de se adentrar em uma realidade específica. Essa forma de análise da sociedade proposta desvincula-se, desse modo, de qualquer rigor metodológico. Ele justifica que não tem mais sentido as teorias *cheias de sentido*. Porém, segundo Pais (1986), ao se posicionar dessa forma o autor cai “em uma fenomenologia sensualista, aleatória e cultuadora do sentimento”.

Ao que nos indica, Maffesoli considera que o cotidiano se autoproduz desvinculado das referências *apriorísticas* da estrutura e dos sistemas de racionalidade que lhe são subjacentes. Embora defenda a idéia de integrar os fatos cotidianos numa “compreensão global”, pode-se inferir que as suas análises estão ligadas a um certo relativismo, no qual ele considera tudo válido, o que corre o risco de ignorar e, de certo modo até acabar com a consciência das contradições e dos conflitos (Pais, 1986). Muitas críticas feitas a Maffesoli residem no fato de ele ser adepto às análises do local, do microssocial sem ter em conta os

grandes movimentos e as grandes tensões do mundo econômico e da história. Além da falta de rigor metodológico, a contestação ao racionalismo da sociedade moderna, também é considerada um dos pontos críticos na sua abordagem. Por outro lado, ele chama a atenção para a realidade social, valorizando as transformações e as especificidades que o cotidiano nos oferece para o conhecimento da sociedade.

A influência do pensamento marxista nos estudos sobre o cotidiano

Como já havíamos nos referido anteriormente, alguns teóricos do pós-guerra renovaram algumas idéias de Marx, principalmente as que estão contidas nas suas primeiras obras, através de trabalhos sobre o cotidiano. A filósofa húngara Agnes Heller desenvolveu uma sociologia da vida cotidiana baseada nos estudos de Lukács principalmente na tese da “insuprimibilidade” da vida cotidiana. Heller tem seus fundamentos ontológicos centrados na idéia de homem como ser prático e social produzindo-se por meio de suas objetivações, considerando o ponto de vista de classe, da categoria de totalidade, de mediação, de negação e de contradição.

O cotidiano, de acordo com Heller (1972), é a vida de todos os dias e de todos os homens em qualquer época histórica que possamos analisar. Segundo a autora, não existe vida humana sem o cotidiano e sem cotidianidade. As atividades do dia a dia promovem a reprodução do indivíduo singular e, por conseqüência, a reprodução do social. A condição humana, desta forma, depende do cotidiano, porém, não se limita a ele, pois nessa relação estão presentes, sobretudo, a intersubjetividade dos sujeitos, os significados do mundo e as instituições que ordenam a experiência do vivido. Para Heller (op. cit.), o cotidiano possui três dimensões objetivas, a primeira é a objetivação em si mesma (regras de linguagem, maneira de utilizar os objetos, normas de interação humana e costumes) e para si mesma, a qual está na esfera dos significados, das generalizações, das narrativas, da constituição, da manifestação e do retorno da vida cotidiana como totalidade humana. A outra objetivação está no nível

intermediário. A objetivação por e em si mesma é a esfera da divisão do trabalho que, no mundo moderno, tem como base a especialização. A diversidade das instituições e as especializações estratificam os indivíduos fazendo-os adaptar-se e integrar-se ao cotidiano.

Para compreender a estrutura da vida cotidiana é importante partir de alguns pressupostos que, de acordo com Heller, são imprescindíveis. O sujeito humano considera seu ambiente como algo já dado, já feito, que se apropria espontaneamente de seu sistema de hábitos e técnicas; seu comportamento é pragmático direcionado ao êxito da atividade; seu conhecimento não é medido por critérios de opinião. Na vida cotidiana a heterogeneidade das atividades está em correspondência de modo imediato com a práxis humana total.

A práxis humana total está relacionada com o ser particular e o genérico. Para Heller (1972:23-27), “O indivíduo contém tanto a particularidade quanto o homem genérico que funciona consciente e inconscientemente no homem”. Essa coexistência do ser genérico e particular na humanidade só acontece em sua plenitude no cotidiano, embora nela, apenas se perceba o singular. A passagem do homem “inteiro” para o “inteiramente homem” acontece quando se rompe a cotidianidade, quando um projeto, uma obra ou um ideal convoca a inteireza de nossas forças e então suprime a heterogeneidade. Neste momento ocorre a homogeneização, porém, apenas ocorre quando o indivíduo concentra toda a sua energia e a utiliza numa atividade humana genérica que escolhe consciente e autonomamente. Quando o ser individual passa para o humano genérico encontra-se na plenitude, esta passagem (suspensão da vida cotidiana) denota que o homem singular se reconhece como integrante da totalidade e dessa forma ganha a consciência e possibilidade de transformação do cotidiano singular e coletivo.

A vida cotidiana está mais vulnerável à alienação pelo fato de existirem sucessivas atividades heterogêneas. Essa alienação ocorre quando as formas necessárias de pensamento e ação se absolutizam e deixam pouca margem para o movimento ou manipulação da individualidade. Na sociedade capitalista, segundo Heller (op.cit.), a divisão social do trabalho é um

elemento concreto de perda da objetividade do indivíduo, com tendências a se tornar um eu particular fragmentado.

Essa percepção do cotidiano e da cotidianidade de Heller, deixa explícita a sua preocupação central na questão do trabalho e na sua hierarquização, que, por sua vez, reflete na prática da vida cotidiana. A busca pelo homem genérico, significa a superação do homem enquanto ser mergulhado em uma cotidianidade alienada e alienante capaz de deixar “imóvel” as grandes transformações históricas da sociedade. Desta forma, o cotidiano enfocado pela autora vai além das relações face a face e está intimamente ligada a uma hierarquia entre as diferentes atividades que constituem a cotidianidade².

Lefebvre, em sintonia com algumas idéias de Heller, chamou a atenção para os grandes temas da modernidade - O nacionalismo, a cotidianidade, o estruturalismo, o urbanismo, o estatismo e o neoliberalismo. Analisou o econômico dentro das relações sociais e considerou o Estado como um mediador entre o econômico e o social.

Segundo Martins (1996:9), “Lefebvre trouxe Marx para o nosso tempo criticamente como era próprio do pensamento marxiano”. Através de seus trabalhos sobre cotidiano, uniu a etnografia e o marxismo, fez uma sociologia de análise dinâmica, na qual privilegiou os espaços urbanos, a moradia, as festas etc.

Lefebvre (1961,II: 46-51), afirma que o cotidiano é um nível de realidade social que se relaciona com outros níveis, como o econômico, o político, o cultural e o psicológico. As análises individuais dos níveis de realidade apresentam, por sua vez, conteúdos de outros níveis, os quais nos mostram que, ao mesmo tempo em que estamos mergulhados em um nível de realidade, estamos também fora dele.

Concomitante às questões históricas, econômicas e culturais que interferem no cotidiano, são os sujeitos sociais que dão vida e que fazem a prática cotidiana. Cada realidade é única

² Estas idéias de Heller estão presentes em suas primeiras obras em que a autora discute a questão do cotidiano. Após esses escritos, Heller afastou-se das idéias de Luckács e da Escola de Budapeste e passou, nos seus novos estudos, a concentrar-se basicamente na filosofia do sujeito.

e são os homens e as mulheres os responsáveis pela construção da vida cotidiana, tornando-as singulares nas suas realizações.

Para Lefebvre, o conceito de cotidiano é global, ele se refere e questiona a totalidade³ no curso do seu desenvolvimento. As particularidades que compõem a vida cotidiana, devem ser analisadas com cuidado para não se correr o risco de tratar os elementos que fazem parte dessa “globalidade” de maneira singular.

A homogeneização do cotidiano pode ser percebida através das leis e da ordem estabelecida, das tarefas repetidas linearmente, da tendência geral de organizar a vida cotidiana como uma empresa, das representações estereotipadas e outros. Os fatores de fragmentação interrompem a linearidade da homogeneização provocando rupturas e descontinuidades: as separações e segregações, a organização sindical, o público e o privado. Todos esses fatores devem ser entendidos dentro de uma abordagem totalizadora e não apenas no específico.

O público e o privado tomados como individual e coletivo, nas análises de Lefebvre, de maneira geral, nos fazem perceber que não existe o individual singular, isento do coletivo. E sim uma vinculação entre eles, a qual um interfere no outro.

Os fatores de hierarquização tomam forma através da hierarquia das funções, dos trabalhos, dos salários, do saber e da burocracia. Existem também os fatores de centralidade, subjetividade e de sociabilidade que integram o cotidiano e que se opõem à homogeneização. Eles representam elementos de força que atuam de maneira dialética. Esses movimentos podem, por sua vez, provocar mudanças no nível de realidade.

Às representações integram-se as ações na composição do cotidiano na sociedade moderna. É a partir das representações que se forma o ideário teórico de uma época, que vai influenciar as ações do cotidiano. Segundo Lefebvre, as representações formam-se entre o vivido e o concebido, ao mesmo tempo em que estes se diferenciam entre si.

³ O conceito de totalidade utilizado por Lefebvre está baseado no conceito de totalidade de Lukács (1974) que vai além da soma das partes.

Entretanto, estudar o cotidiano, de acordo com Lefebvre, vai além de observar os fatores que o compõe. É sobretudo analisar, conjuntamente com as ações, as representações construídas pelos atores sociais, buscando captar, através das representações, o pensamento acerca dessas ações.

De certo, Heller e Lefebvre contribuíram muito para o desenvolvimento de uma sociologia do cotidiano, sobretudo, pelo fato de deslocar as análises estáticas da vida social para a análise das relações em movimento. Lefebvre, principalmente, trouxe o cotidiano para a sociologia conjuntamente com as mudanças que a sociedade estava passando. Essas transformações alteravam, segundo o autor, as ocupações dos espaços urbanos e privados que através das relações sociais desenvolvidas naquele e em outros espaços, poderiam também causar alterações em espaços cada vez mais amplos. Associar as mudanças estruturais da sociedade moderna com as relações cotidianas é uma das grandes contribuições deste autor.

Porém, outras análises também seguiram os passos de Lefebvre e Heller oferecendo outros enfoques nos estudos sobre o cotidiano, principalmente pelo viés da história e da antropologia, como Michel de Certeau (1990). Segundo Certeau, o cotidiano pode ser entendido como um ambiente onde se formalizam as práticas sociais que, por sua vez, sofre influências exteriores. De certo modo, Certeau concorda com Lefebvre quando este considera que as instituições econômicas interferem nas ações e pensamentos dos indivíduos, porém, o autor é também claro em afirmar que não se pode resumir as análises sociais ao determinismo econômico. Certeau (1982) acredita que, na maior parte dos trabalhos, quando se leva em consideração a questão da produção econômica capitalista nas análises social, olha-se demasiado com o olhar do poder centralizador que esmaga quase que completamente o consumidor ⁴ e que o cotidiano, por sua vez, reproduz as influências do poder econômico nas suas relações sociais. Desse modo, resta para os “consumidores oprimidos” reproduzir ou superar essa situação.

⁴ Certeau denomina de consumidor os sujeitos sociais que vivem na sociedade de consumo/ capitalista.

Para Certeau (op.cit.) nesta questão existe um outro lado. Segundo ele, do lado do consumidor existe também uma produção, muito embora pareça invisível, em que ele transforma o espaço que lhe é imposto, ele se transforma em um caçador furtivo, o qual circula, caça, faz uma produção, que não é marcada pela criação de novos produtos, mas, que ele se serve de um léxico imposto para produzir algo que lhe seja próprio. Dessa forma o consumidor pode ser visto também enquanto criador, produtor ou praticante.

A partir dessas questões, o autor chama atenção para o pressuposto de considerar as práticas cotidianas enquanto *práticas*. Podemos entender que, para Certeau, as relações sociais são formadas por práticas que são construídas, são “*fabricadas*”, a partir das diversas atividades que se exercem na vida cotidiana - profissionais, sociais, políticas e culturais - . A partir das operacionalizações dessas práticas cotidianas, considera-se três aspectos. Primeiro o caráter **estético** que se trata da *arte de fazer*. Essa dimensão diz respeito à questão do estilo, a maneira específica de fazer, de praticar alguma coisa. O segundo é o caráter **ético**, quando as práticas cotidianas se constituem em uma recusa do sujeito em se identificar com a ordem tal como ela se impõe. De alguma forma existe uma ordem que não pode ser mudada, porém, quando não se segue tal qual a essa lei configura-se aí um aspecto essencialmente ético. É o abrir de um espaço. Um espaço que não é fundado sobre a realidade existente, mas, sobre a vontade de criar alguma coisa. Na multiplicidade dessas práticas cotidianas, dessas práticas transformadoras da ordem imposta, há constantemente um elemento ético. Por fim existe o aspecto **polêmico**. São as práticas que representam a defesa da vida que estão inscritas como intervenções de conflito permanente em uma relação de força.

Considerando estes elementos que compõem as práticas cotidianas, Certeau (1982:9) esclarece que as práticas devem ser analisadas enquanto operações, como manifestação de **táticas** e de **estratégias**. Para tal é importante verificar se algumas delas encontram-se mais reunidas em determinados locais que em

outros, se são mais específicas de determinados meios ou de determinada conjuntura na qual algum indivíduo se encontra.

Até certo ponto, Certeau (1990) retoma a estratégia de Bourdieu, mas sem obedecer ao seu esquema de circularidade, no qual as estratégias utilizadas pelos sujeitos possuem um certo automatismo. O autor propõe tratar as práticas cotidianas também como grupos de estratégias, sem desconsiderar, também, os aspectos estruturais da sociedade. Porém, essas estratégias são produzidas e recriadas pelos sujeitos através das práticas cotidianas que, por sua vez, possuem sua própria lógica.

De acordo com Certeau (op.cit.), a lógica das práticas cotidianas não se apresenta apenas através do que é realizado em forma de ação em um determinado ambiente. A lógica da ação, de acordo com o autor, é toda uma rede de operações nas quais envolvem as relações de força que consiste em construções de táticas de ações “próprias” desenvolvidas pelos sujeitos em um determinado ambiente que, todavia, se estabelece quando as ações se transformam em práticas cotidianas e em práticas discursivas, tornando-se, portanto, indissociáveis.

Certeau (1990) considera importante a análise das práticas cotidianas conjuntamente com as práticas discursivas. As práticas discursivas, as quais ele se refere, estão relacionadas com os “atos de fala”, ou melhor, com a utilização social da linguagem. Considerar que os atos de fala são formas de práticas sociais requer uma compreensão de linguagem diferente do conceito saussuriano. Para Certeau (op. Cit.), a linguagem não se analisa de maneira isolada do social, ela está integrada aos contextos sócio culturais e econômicos da mesma forma que as práticas enquanto puramente formas operacionais. Quando se analisa a forma operacional de um determinado grupo considera-se que essas formas são organizadas da mesma forma que a linguagem. Portanto, para Certeau (1985), os “atos de fala” são constitutivos das práticas cotidianas. Os documentos, as leis, o ato de conversar, de cumprimentar, de ordenar e de convencer fazem parte de todo um processo social no qual estão em jogo as relações de força em um determinado espaço social.

A partir da proposta de análise das práticas cotidianas de Certeau (1985), podemos perceber que ele se distancia de Heller

e Lefebvre quando não evidencia conceitos centrais desses autores como homogeneidade, heterogeneidade, fragmentação, superação, individual, coletivo, particular e genérico. O conhecimento das práticas cotidianas, de acordo com Certeau (1985), centra-se muito mais na busca dos aspectos estéticos, éticos e polêmicos da criação de cada realidade construída através das ações e discursos dos sujeitos sociais, do que na identificação e estruturação dos conceitos nas múltiplas realidades. Os espaços sociais, para ele, não são dados, como afirma Heller, e sim construídos e reconstruídos. As orientações e normas impostas, para Certeau (1990), não são simplesmente reproduzidas e sim “fabricadas” a partir das diferentes realidades sociais. Pode-se inferir que, o que Certeau (1985;1990) propõe, através dos estudos do cotidiano, é uma análise mais etnológica e menos filosófica da vida cotidiana, embora, em análise mais aprofundada, pode-se perceber elementos de Heller e Lefebvre nos seus escritos. De acordo com Martins (1998), estes dois autores, quando tratam da reprodução social, não se referem apenas do capital, mas das contradições sociais, referem-se também à questão da criação da História pelo homem, pontos em que, sob diversos aspectos, convergem com Certeau.

Na tentativa de se aproximar de algumas questões...

Depois desse breve percurso por diferentes abordagens, voltamos às questões iniciais que nos levaram a essa trajetória: qual a importância do cotidiano na análise da realidade social? Será que podemos considerar que detalhes da vida privada ou pública podem ser importantes para a compreensão da sociedade mais ampla? Qual a relação entre o cotidiano e as estruturas da sociedade?

Alguns dos autores que apresentamos procuraram responder algumas dessas questões partindo de pontos diferentes ou comuns, como pudemos perceber, e todas elas foram de suma importância para o desenvolvimento da sociologia do cotidiano.

A importância do conhecimento dos fatos sociais que Durkheim chamou atenção, fez desenvolver-se muitos trabalhos, embora em direção oposta ao tratamento dado por ele a esses fatos, no

sentido de indicar a riqueza de informações que a vida social oferece a partir do seu desenvolvimento no cotidiano para o conhecimento científico da realidade social.

O deslocamento dos sistemas gerais para os particulares, ou melhor, para uma compreensão crítica da vida cotidiana pode parecer, em relação a muitos teóricos como Parsons, Merton, o conhecimento de apenas pequenos pontos isolados e soltos no universo ou simplesmente “resíduos” que não merecem atenções especiais. A interpenetração das instituições com as ações sociais, através grandes modelos teóricos de análises, ligam os fatos com pessoas, ações com quadros de referência, do ator com o mundo exterior como se essa relação fosse homóloga. De certa forma, na tentativa de valorizar o cotidiano, Nobert Elias parece ter sido influenciado por esse pensamento quando tenta relacionar as situações comuns com as estruturas sociais. Talvez esse seja o ponto problemático de muitos que buscam trabalhar com o cotidiano: A relação entre a vida cotidiana e as estruturas sociais. Outro, como Maffesoli (1985), não parece estar preocupado em resolver essa questão, lança mão de um amplo quadro de teorias, muitas vezes divergentes e conflitantes entre si, do qual dispensa os conceitos em troca de “pontos de vista”. Embora Maffesoli defenda a integração do cotidiano com o global, parece que termina mergulhando em um excesso de “liberdade científica”.

Já aos papéis sociais do interacionismo simbólico falta esse “elo de ligação” mais vivo entre os próprios indivíduos e entre eles e as estruturas sociais. Parece-nos que os sujeitos sociais não se relacionam propriamente, apenas interpretam papéis.

Nos trabalhos que tomaram os conceitos marxistas de análise do social para analisar criticamente o cotidiano, apresentam muito fortemente o dia a dia como reprodutor das ideologias dominantes e vê nas rupturas desse processo sinais de revolução social. Já Certeau (op.cit.), de certo modo, relativiza esses elementos considerados centrais nessas análises do cotidiano, embora não os neguem. Acrescenta novos conceitos a essas teorias que permitem analisar os sujeitos comuns, não só como reprodutores, mas também, como sujeitos que produzem e

constróem da vida de todos os dias. Além de introduzir o conceito de práticas cotidianas que se distingue do conceito de *práxis humana revolucionária*, utilizado por Heller.

A importância do cotidiano, mesmo nestas diferentes perspectivas, é muito evidente porque põe em evidência a relação dos indivíduos sociais em interação em diferentes contextos sociais, sobretudo, no momento em que as ciências sociais colocam em “xeque” diversas abordagens que não conseguem responder os desafios do nosso tempo, os desafios da vida e, por conseguinte, da renovação do pensamento sociológico.

Segundo Martins (1998:1-2), o interesse sociológico pelas pesquisas do cotidiano tem implicações diretas com interesse da humanidade em um mundo novo, mais justo, livre e igual. O cotidiano ao mesmo tempo em que se tornou um refúgio dos céticos, também se tornou referência das novas esperanças para a sociedade, principalmente através do aparecimento do novo herói, o homem comum imerso no cotidiano.

As respostas que venham elucidar questões não desvendadas através de análises globalizantes, macroestruturais, podem estar dentro da vida ativa que a sociologia do cotidiano pretende alcançar. Seja através de estudos mais voltados para o viés da fenomenologia, seja por aqueles que propõem uma releitura dos princípios marxistas.

Desta feita, a partir da necessidade de buscar novas formas de compreensão da realidade social, de novas formas de conhecimento da realidade escolar, mais especificamente, é que utilizaremos a abordagem de análise das práticas cotidianas proposta por Certeau a fim de compreender as práticas cotidianas desenvolvidas no interior da escola, porque, como instituição, a escola também faz parte desse processo de transformação que a sociedade atual vem passando.

Os estudos do cotidiano da escola

Como afirma Petitat (1991), “por volta da metade dos anos 70 a estrela da macroteoria começou a empalidecer”, dessa forma, os trabalhos na sociologia da educação que analisava a escola com base nos problemas estruturais e nas suas relações de

dominação, passou a dividir espaço com as novas abordagens que tiveram, inicialmente, influência sobretudo do interacionismo simbólico, principalmente, dos trabalhos de Goffman. Desse modo, a escola passou a ser estudada por dentro, isto é, a partir das relações sociais que acontecem no seu interior.

O estudo das interações sociais na escola colocava em evidência tanto os problemas sob ponto de vista da relação professor-aluno em sala de aula, como da relação destes com o conhecimento.

De acordo com André (1997), algumas observações críticas acerca deste tipo de estudo em educação foram desenvolvidas já em meados dos anos 70. Elas se concentravam, principalmente, no fato destes estudos utilizarem instrumentos de observação que procuram reduzir os comportamentos da sala de aula a elementos de tabulação e mensuração e, desta forma, pouco contribuir para a compreensão do real processo ensino-aprendizagem.

Na tentativa de superar esses problemas, passou-se a utilizar os pressupostos da etnografia, que decorre da abordagem antropológica, com vistas a captar as relações desenvolvidas no âmbito da escola, no seu próprio desenvolvimento. Com isso começou-se a valorizar o contexto das interações que ocorrem na sala de aula associada a uma gama de significados culturais que estão presentes nesse processo.

Como nos próprios estudos da escola de Chicago, este trabalho centrou-se preferencialmente na dimensão pessoal, das relações face a face, não considerando a dimensão institucional ou macro estrutural. Alguns autores acreditam que estes problemas decorrem, justamente, pelo desconhecimento dos pesquisadores dos princípios básicos da etnografia, como também da falta de clareza do papel da teoria na pesquisa científica. (André, 1997- Ericson, 1989).

O estudo etnometodológico da escola realizado por Alain Coulon (1995), de certa forma, apresenta uma proximidade com o interacionismo simbólico da escola de Chicago. Tendo como base os estudos de Garfinkel, a etnometodologia da educação propõe um mergulho no interior da escola para compreender e

interpretar o processo social no qual os indivíduos interagem entre si e com o conhecimento. O pressuposto epistemológico da etnometodologia da educação proposta por Coulon (op.cit.) está baseado na fenomenologia de Schutz. Segundo o autor, a vida da escola é organizada e produzida pelos membros em sua rotina, padronização, disciplinamento, acontecimentos, atividades, competências e socializações. Dessa forma a escola é vista como ambiente em que se produzem “realidades”⁵ que devem ser compreendidas e interpretadas.

A etnometodologia da pesquisa educacional, de acordo com Coulon, traz uma gama de elementos (noções) para se analisar os processos que ocorrem no interior da escola. Esses elementos, por sua vez, como no interacionismo, estão concentrados nas relações pessoais, não valorizando as questões macro estruturais, bem como as tensões que ocorrem a partir das relações de poder dentro e fora da escola.

Régine Sirota (1988) também privilegiou o cotidiano de uma escola primária para entender os processos da relação entre professor em sala de aula. No seu trabalho de análise da divisão da palavra entre mestre e alunos, a autora considerou os elementos estruturais da sociedade como integrantes do cotidiano escolar.

Sonia Pennin (1995), em seu trabalho “O Cotidiano e a Escola”, também chamou atenção para a utilização da análise micro sociológica no estudo da educação. Tratando o cotidiano escolar à luz da teoria do sociólogo Lefebvre (1961), a autora procura compreender a gênese e a natureza do processo educativo, através das ações cotidianas e das representações dos sujeitos que estão envolvidos – professoras, diretores e pais -, tentando identificar os elementos transformadores da escola.

Com base na abordagem etnográfica da pesquisa científica, o trabalho de Pennin focalizou o cotidiano escolar procurando descobrir os fatores de homogeneização, heterogeneização e fragmentação, bem como de superação, presentes no dia a dia da escola, através das ações e

⁵ A noção de construção de realidade a que nos referimos está baseada em a construção do cotidiano de Berguer e Luckmann.

representações (do vivido e do concebido) dos sujeitos. Este é um trabalho de grande importância na área da educação porque chama a atenção para a vida diária escola, não apenas de maneira restrita ao ambiente da sala aula, mas, principalmente para a o seu funcionamento como um todo, sua organização, as atividades de rotina, a utilização do tempo escolar, entre outros.

A partir do exposto, podemos afirmar que o cotidiano, ainda pouco explorado ou valorizado como aporte teórico dos estudos sobre a escola, oferece uma gama de elementos para se conhecer o que até então, considerou-se sem importância, mas, que pode conter elementos fundamentais para se compreender melhor a dinâmica das unidades escolares, sobretudo a partir da utilização das táticas e estratégias proposta por Certeau (1985;1990) como forma de interpretação da realidade escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli. E. D. A.de. *A etnografia da prática escolar*. São Paulo: Papyrus, 1995.

BALANDIER, G. Essai d'identification du quotidien. *Cahiers Internationaux de sociologie*, vol. LXXIV, Paris: Puf, 5-12, 1983.

CERTEAU, Michel de. (1985) Teoria e método no estudo das práticas cotidianas. In: Cotidiano, cultura popular e planejamento urbano. *Anais*. São Paulo: FAUUSP.

_____ *L' invention du quotidien 1: arts de faire*. Paris : Gallimard, 1990.

CERTEAU, Michel de, GIARD, L., MAYOL.P. *L' invention du quotidien 2 : habiter, cuisiner*. Paris : Gallimard, 1994.

COULON, Alain. *Ethnométhodologie et education*, Paris: PUF, 1993.

DURAND, J. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris: PUF, 1960.

ELIAS, Nobert, Sur le concept de vie quotidienne. In: *Cahiers Internationaux de sociologie*, vol. 99, Paris: Puf, 1983.

_____. *O processo civilizador (uma história dos costumes)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 8ª ed. Petrópolis : Vozes, 1999.

GOULDNER, Alvin. *Las crisis de la sociologia ocidental*. Buenos Aires: Amorrortu, 1970.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1972.

JOAS, Hans Interacionismo Simbólico. In *Teoria Social Hoje*, GIDDENS, A. e TURNER, J. São Paulo: UNESP, 1999.

JUAN, S. *Les formes élémentaires de la vie quotidienne*. Paris: Puf, 1996.

LEFEBVRE, Henry. *Critique de la vie quotidienne I*. Paris: L'Arche: 1958.

_____. *Critique de la vie quotidienne II*. Paris: L'Arche, 1961.

_____. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

MAFFESOLI, Michael. *La connaissance ordinaire*. Paris: Librairie des Méridiens, 1985.

MARTINS, José. DE S., O senso comum e a vida cotidiana. In *Tempo social*, São Paulo, 1998.

_____. (org.) *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MONGARDINE, C. La société selon Simmel et Elias. In: *Cahiers Internationaux de sociologie*, vol.99, Paris: PUF, 267-275, 1995.

PENIN, Sonia. *Cotidiano e escola: a obra em construção*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

PETITAT, André. Itinerário de leitura de um sociólogo da educação. In: *Teoria e educação. Rio Grande do Sul*: Pannonica, 1991.

SIMMEL, George. *Sociologie et épistemologie*. Paris: PUF, 1981

SIROTA, Régine. *L'École primaire au quotidien*. Paris: PUF, 1988.

Recebido: setembro/2002